

I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial

Realização: FCRB · UFF/PPGCOM · UFF/LIHED

8 a 11 de novembro de 2004 · Casa de Rui Barbosa — Rio de Janeiro — Brasil

O texto apresentado no Seminário e aqui disponibilizado tem os direitos reservados. Seu uso está regido pela legislação de direitos autorais vigente no Brasil. Não pode ser reproduzido sem prévia autorização do autor.

A Circulação de Romances de Teixeira e Sousa: Best-sellers do século XIX?

Hebe Cristina da Silva¹ (IEL/UNICAMP).

Resumo.

Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa (1812-1861) é mencionado por algumas histórias literárias brasileiras como autor do primeiro romance nacional: *O Filho do Pescador*, de 1843. Os historiadores da literatura têm opiniões divergentes a respeito de ele ser ou não o primeiro romancista brasileiro, mas concordam plenamente quando se trata de avaliar as produções em prosa do autor: em geral, negam qualidades estéticas e formais aos seus romances e apontam neles inúmeras imperfeições. Um recuo no tempo coloca o estudioso da literatura diante de uma questão instigante: alguns textos críticos oitocentistas elogiam a produção do autor, indicando que ele era muito apreciado pelo público. Essa indicação é, de certa forma, atestada pelos dados acerca da publicação de seus romances, que foram publicados tanto em folhetim quanto em volume e, em sua maioria, tiveram mais de uma edição nos Oitocentos.

Palavras-chave: Teixeira e Sousa; romance brasileiro; século XIX.

A Circulação de Romances de Teixeira e Sousa: Best-sellers do século XIX?

Dentre os prosadores brasileiros do século XIX, o nome de Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa² aparece nas histórias literárias nacionais muitas vezes atrelado à alcunha de primeiro romancista brasileiro³, título que alguns atribuem a Joaquim Manuel de Macedo. Se há certa

¹ Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Campinas; Mestre em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas; Doutoranda em Teoria e História Literária pela mesma instituição; Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo; (hebe_iel@yahoo.com.br).

² Nasceu em Cabo Frio em 28 de março de 1812 e faleceu na cidade do Rio de Janeiro em 1º de dezembro de 1861. Era filho primogênito do comerciante português Manuel Gonçalves e da brasileira Ana Teixeira de Jesus. Em 1822, abandonou os primeiros estudos devido à situação financeira familiar para adotar a profissão de carpinteiro. Em maio de 1825 partiu para o Rio de Janeiro, onde exerceu a profissão por algum tempo, regressando à terra natal após cinco anos. Perdeu toda a família e retomou os estudos. Em 1840 retornou ao Rio de Janeiro, onde se ligou a Paula Brito, vindo a trabalhar na loja deste e a ser colaborador do seu periódico, *A Marmota*. Em 1849, foi nomeado professor público de instrução primária no Engenho Velho, cargo que exerceu até 1855. Nesse ano, solicitou ao ministro de Negócios da Justiça, Nabuco de Araújo, o lugar de escrivão de órfãos em Cabo Frio. O imperador, após ter lido seu memorial, excedeu-lhe o pedido e nomeou-o para o cargo de escrivão da Primeira Vara do Juízo do Comércio do Rio de Janeiro. Assim, obtida certa estabilidade econômica, dedicou-se mais intensamente à literatura.

Obra: 1. Romances: *O Filho do Pescador* (1843), *Tardes de um Pintor ou As Intrigas de um Jesuíta* (1847), *Gonzaga ou A Conjuração de Tiradentes* (1848-1851), *Maria ou A Menina Roubada* (1852), *A Providência* (1854), *As Fatalidades de Dois Jovens* (1856). 2. Poesia: *Cânticos Líricos* (1841-1842), *Os Três Dias de um Noivado* (1844), *A Independência do Brasil* (1847-1855). 3. Teatro: *Cornélia* (1840), *O Cavaleiro Teutônio ou A Freira de Marienburg* (1855). (Fonte: IANNONE, Carlos Alberto. "A Vida de Teixeira e Sousa". In: SOUSA, Antônio Gonçalves Teixeira e. *As Tardes de um Pintor ou As Intrigas de um Jesuíta*. São Paulo: Editora Três, 1973.)

³ Dentre as obras que assim o consideram, podemos mencionar as Histórias Literárias de José Veríssimo, Ronald Carvalho, Antônio Soares Amora, Antonio Candido e Alfredo Bosi.

disparidade entre os historiadores literários acerca de sua precedência na produção do gênero romanesco⁴, as considerações acerca da qualidade de seus romances parecem convergentes: a crítica mostra-se impiedosa quando se volta à análise ou ao comentário dos romances do autor, negando-lhes qualidades estéticas e formais e apontando neles inúmeras imperfeições. Alfredo Bosi, por exemplo, não o coloca junto dos demais prosadores, como Macedo, Alencar, Bernardo Guimarães, apontando como um dos motivos a “inegável distância, em termos de valor, que o separa de todos.”⁵ E assim se sucede nas demais histórias literárias pesquisadas:

O nosso Teixeira e Sousa não é precisamente um tão profuso e difuso produtor de livros. Mas teria andado bem em escrever menos. [...] [Seus romances] escritos num estilo escurado, e em linguagem por vêzes incorreta, acham-se cheios quasi sempre de salteadores, esconderijos, subterrâneos, assassinatos, incêndios, envenenamentos, ressurreições, e tôda a patacoada, tôdas as ficelles do gênero pavoroso.⁶

Por esta constância de produção num gênero que, antes que Macedo o seguisse em 1844 com a *Moreninha*, era ele o único a cultivar, ganhou Teixeira e Sousa direito inconcusso ao título de criador do romance brasileiro. Os seus infelizmente tornaram-se para nós ilegíveis, tanta é a insuficiência da sua invenção e composição, e também da sua linguagem.⁷

Teixeira e Sousa deixou nas suas obras mais intenções que realizações.⁸

No entanto, embora a qualidade literária seja realmente de terceira plana, é considerável a sua importância histórica, menos por lhe caber até nova ordem a prioridade na cronologia do nosso romance (não da nossa ficção), do que por representar no Brasil, maciçamente, o aspecto que se convencionou chamar folhetinesco do Romantismo. Ele o representa, com efeito, em todos os traços de forma e conteúdo, em todos os processos e convicções, nos cacocetes, ridículos, virtudes.⁹

Um mestiço de vida atribulada, autor de um ambicioso poema sobre a Independência do Brasil: as crônicas, contudo lembram-no apenas como pioneiro no caminho do romance brasileiro (*O Filho do Pescador*, 1843; *Gonzaga ou a Conjuração de Tiradentes*, 1848; etc., etc.) que logo depois iria encontrar expressão mais composta e qualificada nas obras de um Macedo ou de um Alencar.¹⁰

Percebe-se que as considerações de Silvio Romero acerca de Teixeira e Sousa desvalorizam muito os romances do escritor, além de insinuar uma predisposição negativa do crítico quanto ao

⁴ As mesmas Histórias Literárias mencionadas consideram a prosa ficcional anteriormente publicada [como *Os Assassinos Misteriosos* (1839) e *As Duas Órfãs* (1840), de Joaquim Norberto de Sousa e Silva; *O Aniversário de D. Miguel em 1828* (1838), *Religião, Amor e Pátria* (1838) e *Jerônimo Corte Real* (1840), de Pereira da Silva] como adaptações do romance europeu, havendo entre elas e a obra de Teixeira e Sousa muitas diferenças.

⁵ BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1981, pp. 111/112.

⁶ ROMERO, Silvio. *História da Literatura Brasileira*. Tomo Terceiro – Transição e Romantismo. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953, pp. 910 a 915. (1.ª Ed. 1888).

⁷ VERÍSSIMO, José. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954, p. 187. (1.ª Ed. 1912).

⁸ CARVALHO, Ronald. *Pequena História da Literatura Brasileira*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1984, p. 211. (1.ª Ed. 1919).

⁹ CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000. Vol. II, p. 112. (1.ª Ed. 1959).

¹⁰ STEGAGNO-PICCHIO, Luciana. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997, p. 168. 1.ª Ed.

romance, pois o chama de “gênero pavoroso”. Esses juízos ecoam 24 anos depois, nas palavras de José Veríssimo, segundo as quais as obras do autor em questão não representariam interesse para a posteridade, sendo possível apreender-se a imagem de Teixeira e Sousa como precursor do romance nacional, imagem esta que se cristalizou, se nos pautarmos pelas observações das Histórias Literárias publicadas posteriormente. Exemplo disso são as considerações de Ronald Carvalho, Antonio Candido e Alfredo Bosi.

Através da leitura das obras mencionadas, pudemos perceber a recorrente concepção de Teixeira e Sousa como escritor menor, aliada a uma crescente desvalorização de suas obras e a um apagamento da figura do autor. Tal apagamento pôde ser notado pelo fato de que, ao longo dos anos, as páginas destinadas a falar do escritor e de sua obra tornaram-se cada vez mais escassas, culminando na dedicação de um só parágrafo a ele, como se vê no último fragmento, retirado de uma das mais recentes histórias da literatura brasileira.

Um recuo no tempo, entretanto, coloca o estudioso da literatura diante de juízos críticos bastante diversos que levam a supor que, para sua época, o autor não teve um valor assim tão reduzido.

Em 1876, a seção “Biographia dos Brasileiros Illustres por Armas, Letras, Virtudes” da *Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* publicou uma “Notícia sobre Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa”, de autoria de Joaquim Norberto de Sousa e Silva, a qual fornece informações acerca da vida do escritor e tece breves considerações sobre sua obra¹¹. A publicação de um artigo em homenagem a Teixeira e Sousa em uma revista como a do IHGB, um órgão governamental na época freqüentado e apoiado pelo imperador D. Pedro II e que consistia num dos maiores focos de produção intelectual oficial do país, pode ser tomada como indício de simpatia geral por ele e por sua produção.

Em 6 de maio de 1870, a seção “Revista Bibliographica” do *Dezesseis de Julho*, jornal conservador criado e dirigido por José de Alencar e seu irmão Leonel, discorreu sobre o descaso dos brasileiros em relação à produção de escritores nacionais, o qual seria parcialmente responsável pelo fato de a produção brasileira ser pouco conhecida em outros países. Como exemplo dessa situação, o artigo mencionou o fato de o escritor português Mendes Leal haver declarado que a literatura brasileira não possuía romances num momento em que “...os nomes de Macedo, Teixeira e Sousa, Alencar e outros já estão proclamados entre nós como romancistas da primeira plana!”¹² O fato de Teixeira e Sousa ser mencionado ao lado de Alencar pode ser tomado como indício de

¹¹ SILVA, Joaquim Norberto de Sousa e. “Noticia sobre Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa”. In: *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier Editor, 1876, tomo XXXIX, pp. 197-216.

¹² *Dezesseis de Julho – órgão conservador*. Rio de Janeiro, 6 de maio de 1870. Seção Revista Bibliographica.

que, naquele momento, não era considerado um escritor menor em relação a um autor que, hoje, é um dos maiores ícones da prosa oitocentista brasileira.

Em maio de 1861, o periódico *A Marmota* publicou um texto que vem ao encontro das considerações do articulista do *Dezesseis de Julho*, principalmente no que se refere a Teixeira e Sousa. No artigo “Litteratura Patria – Romances Brasileiros”, F. T. Leitão fala da escassez da publicação de romances por parte de brasileiros, a qual se devia grandemente à falta de incentivo por parte do público. A seu ver,

Podemos dizer que não possuímos romances nacionaes! Á excepção das limitadas producções que nesse genero devemos aos senhores Dr. Macedo, Teixeira e Sousa e Alencar, não é desarrazoado declarar-se, que nada mais temos, e comquanto a *Moreninha*, o *Moço Loiro*, a *Vicentina*, as *Fatalidades*, a *Providência*, o *Guarany* e a *Visinha*, sejam as provas indestructíveis de que nesse terreno muito lucro poder-se-hia colher em honra das letras patrias: não se deve comtudo deixar de lamentar o atrazo em que ellas se acham?!¹³

Novamente temos a menção de Teixeira e Sousa como um dos grandes escritores romanescos brasileiros sem o estabelecimento de hierarquia de valor entre ele e José de Alencar.

Em seu *Curso de Literatura Nacional* (1862), o Cônego Fernandes Pinheiro referiu-se a Teixeira e Sousa como “romancista fecundo e imaginativo”, que ocupava “honroso lugar nos díticos da nova escola”, e apresentou a seguinte avaliação de suas narrativas:

Nas ficções em prosa tem o nosso amigo adquirido bem merecida reputação, como fiel e desapassionado pintor dos nossos usos e costumes. Desde o *Filho do Pescador*, até a *Providência*, o mais bem elaborado dos seus romances, descobre-se uma escala cromática de aperfeiçoamento, tanto na substância, como ainda na forma.¹⁴

A visão de Fernandes Pinheiro em relação à produção de Teixeira e Sousa é bastante otimista e contrasta totalmente com o julgamento crítico que se perpetuou posteriormente. Podemos pensar que a “merecida reputação” do escritor mencionada pelo crítico referia-se a sucesso de vendas e boa aceitação do público. De fato, as informações localizadas acerca da publicação de seus romances durante o século XIX levam a pensar que o autor foi bastante lido naquela época, visto que todos os seus romances foram publicados em folhetim e em volume e tiveram mais de uma edição ainda no século XIX.

Passemos, então, a uma breve exposição dessas informações.

O Filho do Pescador, primeiro romance de sua autoria, foi publicado pela primeira vez em 1843, nos rodapés do jornal *O Brasil*, durante o período de 6 de julho a 22 de agosto,

¹³ LEITÃO, F. T. “Litteratura Patria – Romances Brasileiros”. In: *A Marmota*. Rio de Janeiro: Tipografia de Paula Brito, 7 de maio de 1861. Optamos por manter a grafia original de todos os textos oitocentistas mencionados.

¹⁴ PINHEIRO, Cônego Fernandes. *Curso de Literatura Nacional*. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL, 1978, p. 510.

ininterruptamente. O periódico não traz qualquer observação a respeito da obra, cuja autoria só foi revelada no número que veiculou o último capítulo do texto. Nesse mesmo ano, o romance foi publicado em volume pela Tipografia de Paula Brito¹⁵. Em janeiro do ano seguinte, a *Minerva Brasiliense* publicou alguns fragmentos do poema *Trez Dias de um Noivado*, os quais foram acompanhados por um comentário de Santiago Nunes Ribeiro, o qual se refere a esse romance nos seguintes termos:

Nesta obra quis o Snr. Teixeira mostrar que a novella póde ser hum genero muito moral, e que por conseguinte da leitura dos livros desta ordem, compostos segundo iguaes principios, não pode resultar o mal que vem desses mil romances immoraes e corruptores que pullulão na America e na Europa.¹⁶

A observação elogiosa indica a leitura da obra e permite pensar na boa aceitação da mesma, fato que é confirmado alguns anos depois, quando, de 17 de julho a 20 de setembro de 1859, foi novamente publicado, desta vez na forma de folhetins do periódico *A Marmota*. No número que antecede ao início da publicação do romance, esse periódico divulgou a seguinte observação:

O Filho do Pescador.

Todo o publico conhece, tão bem como nós, o – Filho do Pescador – um dos primeiros romances sahidos da fecunda imaginação do Snr. Teixeira e Sousa (hoje escrivão do Juizo Commercial); romance tão procurado como desejado. Pois bem, o vasio que existia entre nós, pela falta de exemplares d’essa engenhosa producção, nós vamos agora preencher, fazendo uma nova edição da que foi impressa em 1843 na nossa typografia.

Começaremos, portanto, a dar aos assignantes da *Marmota*, no proximo numero, o mesmo folhetim que o periodico *Brasil* deu aos seus, em um dos mais bellos periodos de sua não curta existencia.

Correcto pela mesma penna que o escreveu, é de esperar que o – Filho do Pescador – seja tão feliz, em 1859, como o foi em 1842 e 1843.¹⁷

Mesmo utilizando a devida desconfiança na leitura de um texto de teor propagandístico como o acima citado, não podemos desconsiderar as informações fornecidas pelo mesmo acerca da boa aceitação e da constante procura do romance, cuja primeira edição provavelmente estava esgotada num prazo de 15 anos. Outro indício de aceitação do romance por parte do público pode ser encontrado nos Anúncios publicados nesse periódico nos dias 11 de outubro e 1.º de novembro de 1859:

¹⁵ Apud: BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883. SILVA, Innocencio Francisco da. *Diccionario Bibliográfico Português*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858-1923.

¹⁶ RIBEIRO, Santiago Nunes. “Hum Fragmento do Poema Romantico Tres Dias de Hum Noivado, por A. G. Teixeira e Sousa”. In: *Minerva Brasiliense*. Rio de Janeiro, 1.º de janeiro de 1844, vol. I, n. 5.

¹⁷ *A Marmota*. Rio de Janeiro: Typografia de Paula Brito, 14 de junho de 1859.

O Filho do Pescador.

Romance do Snr. A. G. Teixeira e Sousa

(3.^a edição mais correcta).

Um volume de 248 paginas, dividido em 20 capitulos [...].

Vende-se na loja desta officina, praça da constituição n. 64. Preço 2\$000.¹⁸

O Filho do Pescador.

Publicou-se a 4.^a edição deste tão lindo e procurado romance do Snr. Teixeira e Sousa. Um lindo volume de 248 paginas. Preço 2\$000.¹⁹

Logo após o término dos folhetins, foi impressa a terceira edição do romance e, no mês seguinte, a quarta edição. No contexto do século XIX brasileiro, esse dado pode ser tomado como atestado, não apenas indício, de boa aceitação da obra por parte do público²⁰.

O segundo romance do autor é *As Tardes de Um Pintor ou As Intrigas de um Jesuíta*, publicado pela primeira vez em 1847, pela Tipografia de Teixeira & C.²¹. Em fevereiro de 1857, a *Marmota Fluminense* anunciou o início da publicação desse romance em folhetins:

Estando a concluir-se as – Fatalidades de Dous Jovens – romance do nosso particular amigo o Snr. Teixeira e Sousa, encetamos hoje a publicação de outro seu romance, não menos popular, e não menos interessante que o primeiro, cuja edição também se acha extincta, e é constantemente procurada – *As Tardes de um Pintor ou As Intrigas de um Jesuíta*.²²

O texto traz dois fortes indícios de aceitação das obras do autor por parte do público: em um prazo de cerca de 10 anos esgotou-se a primeira edição e o romance foi publicado em folhetim; sua publicação em folhetim aconteceu quando ainda estava sendo publicado outro romance do autor, no mesmo periódico. Vale observar que a publicação dos folhetins de *As Tarde de um Pintor* foi interrompida no dia 3 de março de 1857 e substituída por excertos de *Os Três Dias de um Noivado*, mas retomada em 8 de setembro desse mesmo ano, com duas breves interrupções, tendo seu término no dia 10 de junho de 1859. Existem, também, registros de uma segunda edição em volume desse romance ainda no século XIX, datada de 1868²³.

Seu terceiro romance é *Gonzaga ou A Conjuração de Tiradentes*, cujo primeiro tomo foi publicado no Rio de Janeiro, em 1848, e o segundo em Niterói em 1851²⁴. No início de 1853,

¹⁸ *A Marmota*. Rio de Janeiro: Typografia de Paula Brito, 11 de outubro de 1859.

¹⁹ *Grátis da Marmota n. 1*. Rio de Janeiro: Typografia de Paula Brito, 1 de novembro de 1859.

²⁰ Esses dados tornam-se mais significativos se levamos em conta, por exemplo, o número de edições que alguns romances de José de Alencar tiveram durante sua vida. Em 1877, ano de sua morte, o primeiro tomo da 2.^a edição de *As Minas de Prata* trazia um anúncio em que são relacionadas outras obras à venda, especificando-se a edição de cada uma: *O Guarani*, 4.^a ed.; *Lucíola*, 4.^a ed.; *Iracema*, 3.^a ed.; *Cinco Minutos – A Viuvinha*, 5.^a ed. Apud: ALENCAR, José de. *O Tronco do Ipê*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

²¹ SILVA, *Dicionário Bibliográfico Português, Op. Cit.*

²² *Marmota Fluminense – jornal de modas e variedades*. Rio de Janeiro: Typografia de Paula Brito, 13 de fevereiro de 1857.

²³ BLAKE, *Diccionario Bibliographico Brasileiro, Op. Cit.*

²⁴ SILVA, *Dicionário Bibliográfico Português, Op. Cit.*

encontramos o anúncio da venda dessa obra no *Correio Mercantil*: “Obras á venda nesta typographia. Gonzaga, ou a Conjuração do Tira-Dentes, 2 vols. 1\$600”²⁵. O romance também foi publicado em folhetins de *A Marmota*, ininterruptamente, de 6 de julho a 30 de outubro de 1860. O jornal, porém, não veiculou qualquer comentário a respeito da obra ou do esgotamento ou não de sua primeira edição, limitando-se a anunciar a venda dos volumes em que o romance foi publicado:

Aos nossos leitores.

Concluimos hoje o romance historico do Snr. Teixeira e Sousa: - *Gonzaga ou a Conjuração do Tira-Dentes* – que começou no n. 1175 do mez de Julho, achando-se todo elle, portanto, em 4 volumes da *Marmota* (Julho, Agosto, Setembro e Outubro), que estão á venda na loja desta officina, praça da constituição n. 64.

Preço de cada volume, 1\$000.²⁶

O texto deixa evidente que um dos intuitos do periódico ao publicar folhetins era aumentar a venda do jornal: no final da publicação, os números em que foram publicados os capítulos do romance foram encadernados em volumes e colocados à disposição dos leitores que apreciavam o autor ou desejavam ler a obra mas não eram assinantes d’*A Marmota*. Esse dado pode ser tomado como indício da boa aceitação dos romances de Teixeira e Sousa por parte do público, pois Paula Brito certamente não teria interesse em publicar em seu periódico um romance que não agradasse o público e não oferecesse perspectivas da venda dos volumes encadernados que contivessem todo o texto.

Maria ou A Menina Roubada, cuja primeira edição data de 1852, é o quarto romance de Teixeira e Sousa e, nesse ano, foi publicado somente em folhetins da *Marmota Fluminense*. No dia 10 de setembro, quando se iniciou a publicação, o periódico divulgou a seguinte observação:

Começamos hoje a publicação do romance original, cujo titulo abaixo se lê, trabalho de uma penna já do publico bastante conhecida. Nosso empenho, d’hoje ávante, será de animar o talento nacional, offerecendo vantagens aos que se dedicarem ás bellas letras, e mostrarem-se dignos dos louvores do publico e dos sacrificios que nos fôr possivel fazer (ainda que nos privemos de muito do que nos é necessario) em proveito de quem melhor os merecer.²⁷

Vale observar que, apesar de anunciar que se trata do fruto de uma pena conhecida, a autoria do folhetim só foi revelada no terceiro dia de sua publicação. Em 1^o de Fevereiro do ano seguinte, o *Correio Mercantil* publicou a seguinte nota acerca dessa obra na seção de Anúncios:

Maria ou A Menina Roubada.

²⁵ *Correio Mercantil*. Rio de Janeiro, 23 de fevereiro de 1853.

²⁶ *A Marmota*. Rio de Janeiro: Typografia de Paula Brito, 30 de outubro de 1860.

²⁷ *Marmota Fluminense – jornal de modas e variedades*. Rio de Janeiro: Typografia de Paula Brito, 10 de setembro de 1852.

Este romance, composição do Sr. Teixeira e (sic) Souza, acha-se já em 40 numeros da *Marmota*. A acção principia na Praia Pequena, continúa na villa da Parahyba do Sul, e assim é toda no nosso litoral.

A *Marmota*, que sempre traz artigos de gosto e utilidade, assigna-se a 5\$000 por seis mezes, na praça da Constituição n. 64, loja de Paula Brito.

O numero de hoje não deixa de ser interessante. O de sexta-feira trará figurinos coloridos.²⁸

Paula Brito certamente pagou para que o *Correio Mercantil* divulgasse a propaganda de seu periódico e é notável o fato de que o dado que utilizou para instigar as pessoas a assinarem seu jornal foi o fato de estar publicando o romance de Teixeira e Sousa. Esse dado pode ser tomado como indício de boa aceitação do romance por parte do público. Outro dado que reforça essa hipótese é o fato de que, ao fim da publicação em folhetins, no dia 18 de fevereiro de 1853, a *Marmota Fluminense* trouxe o seguinte anúncio:

Damos hoje a conclusão do romance do Snr. Teixeira e Sousa – Maria, ou a menina roubada – agradável producção deste nosso romancista, figurada toda no nosso paiz, e apresentando scenas dos nossos usos e dos nossos costumes. Os numeros da *Marmota*, em que elle se acha, vendem-se, brochados e aparados, por 3\$000, na loja desta officina; vendidos avulsos, á 80 rs., custariam cerca de 4\$000.²⁹

Outro indício de boa aceitação da obra é o fato de que ela foi novamente publicada em folhetins, no mesmo periódico, de 4 de outubro de 1859 a 27 de janeiro de 1860. Quando do início dessa publicação, *A Marmota* veiculou a seguinte observação:

Maria ou A Menina Roubada.

Em 10 de setembro de 1852 começamos a publicar este ultimo dos romances do Sr. Teixeira e Sousa, que acabou em 18 de Fevereiro de 1853. Não nos foi possível imprimir, nessa ocasião, em volume separado, esta bellissima composição do nosso ingenhoso romancista (hoje Escrivão do Juizo Commercial da 1.^a vara) e por isso o vamos agora reimprimir no nosso folhetim, ficando certas as pessoas que, por causa d'elle, quizerem assignar a *Marmota*, que o terão completo – impreterivelmente – até o fim do corrente anno.

Para satisfazer os desejos de todos os que se interessarem por esta linda composição, tomamos assignaturas de 3\$rs., contadas de hoje até 31 de dezembro.³⁰

A promessa de terminar os folhetins até o fim do ano não se cumpriu, mas as assinaturas foram suficientes para que, poucos meses após o término dos folhetins, fosse impressa uma edição da obra em volume, como mostra o anúncio de junho de 1860: “Maria ou A Menina Roubada.

²⁸ *Correio Mercantil*. Rio de Janeiro, 1 de fevereiro de 1853.

²⁹ *Marmota Fluminense – jornal de modas e variedades*. Rio de Janeiro: Typografia de Paula Brito, 18 de fevereiro de 1853.

³⁰ *A Marmota*. Rio de Janeiro: Typografia de Paula Brito, 4 de outubro de 1859.

Romance pelo Snr. Teixeira e Sousa, 2.^a edição mais correcta; vende-se na loja de Paula Brito. Um grosso volume de 342 paginas, 2\$000.”³¹

A Providência é o quinto romance de Teixeira e Sousa e foi publicado pela primeira vez em 1854, em folhetins do *Correio Mercantil*, que tiveram início no dia 26 de janeiro:

Encetamos hoje a publicação de um novo romance original do Sr. Antonio Gonçalves Teixeira e Souza (*sic*), intitulado *A Providência*.

O bem conhecido talento do autor dos *Cantos Lyricos*, dos *Tres dias de um noivado*, do *Filho do pescador*, e tantas outras produções estimadas, dipensa-nos de qualquer elogio á sua nova produção.³²

O texto deve ser lido com ressalvas devido ao seu teor propagandístico, mas é razoável pensar que o jornal não mencionaria “o bem conhecido talento do autor” caso ele não fosse minimamente apreciado pelos contemporâneos. Vale observar, também, que, apesar de acreditar que o reconhecido talento do autor dispensava comentários sobre a obra, o editorial apresentou o comentário de uma “pessoa em cujo critério confia[va]”. A apreciação crítica considera que, em *A Providência*, Teixeira e Sousa “soube de tal modo imaginar a mais intrincada trama, promovendo assim um interesse vivo pela sua solução”, através de uma linguagem “em geral corrente e amena” cuja leitura produzirá “agradáveis surpresas”, estando também em consonância com as demais produções do escritor:

Apenas diremos que tendo este romance do Sr. Teixeira e Souza (*sic*), como todos os seus, o character de uma originalidade indisputavel, possui, do mesmo modo que os demais que elle tem composto, o merito de ser engendrado de maneira que nelle estão consignados muitos dos nossos costumes, usos e habitos dos tempos coloniaes, podendo por este lado ser o seu autor dignamente cognominado o archeologo de nossas velhas tradições, e ainda bem choradas usanças.³³

Mesmo que o texto tenha sido escrito com o intuito declarado de louvar a produção do escritor, sua leitura revela que o crítico leu os romances de Teixeira e Sousa, estabelecendo relações entre eles, e permite pensar que a atribuição do título de “archeologo de nossas tradições e usanças” ao romancista em questão não é gratuita. O texto indica que o romance já estava concluído quando iniciaram os folhetins, pois os comentários do crítico indicam que ele o havia lido todo, e também que a obra já estava impressa ou, pelo menos, no prelo, pois há menção de que seria dividida em cinco tomos.

³¹ *A Marmota*. Índice das Marmotas do mês de junho. Rio de Janeiro: Typografia de Paula Brito, junho de 1860.

³² *Correio Mercantil*. Rio de Janeiro, 26 de janeiro de 1854.

³³ *Idem*.

A publicação em folhetins terminou no dia 17 de junho de 1854 e o texto foi publicado em volume ainda nesse ano, no Rio de Janeiro, pela Tipografia de M. Barreto³⁴. A venda do romance em volume iniciou-se menos de um mês após o término dos folhetins, como indica um anúncio da *Marmota Fluminense* no dia em que começou a publicar excertos desse romance na forma de “Máximas e Pensamentos”:

Maximas e Pensamentos

dos capitulos da – Providencia – romance nacional do Snr. Teixeira e Sousa, que se vende a 4\$000 na typografia do Correio Mercantil, rua da Quitanda n. 55.

- É tão amável um generoso orgulho, no coração de uma mulher, como detestavel uma vil ambição; orgulho pode elevar sua alma e inspirar-lhe boas intenções; a ambição não pode senão abatel-a e inspirar-lhe acções infames e até criminosas. (Capitulo I) [...] ³⁵

No ano seguinte, 1855, *O Guanabara* publicou um texto relativamente longo em que o autor, que não se identificou, dedicou-se à tarefa de fazer “algumas reflexões ácerca do romance a – PROVIDÊNCIA – do Snr. Teixeira e Sousa, que o anno passado publicou nesta côrte o *Correio Mercantil*.”³⁶ O crítico mostra-se otimista quanto ao romance, declarando que, apesar de alguns defeitos, trata-se de uma “criação gigantesca”, que faz honra ao seu autor e talvez passará à posteridade. O crítico observa que não há saliência de um herói específico, visto que todas as personagens são importantes e, em consonância com o comentário veiculado no *Correio Mercantil*, declara que a ação do romance apresenta muitos incidentes e episódios interessantes, de modo que seu desfecho é imprevisível. Aponta, então, os aspectos que considera fundamentais e que atestam a qualidade da mencionada obra:

Além de outros, é de nosso dever notar tres cousas no romance, que são: a fidelidade aos costumes da época em que o autor figura a sua historia; a conveniencia dos seus caracteres, e a côr local sempre animada, e sempre brilhante. Póde bem ser que exageremos, mas dizemos o que sentimos: ha muito tempo não lêmos um livro tão abundante de bellezas, de tão florido e agradável estylo, e de linguagem tão amena e correcta.³⁷

Boa reconstituição dos costumes, caracteres convenientemente traçados, cor local bem explorada, estilo agradável, linguagem amena e correta, enfim, uma obra “abundante de bellezas”. O autor desse texto não diria tais palavras gratuitamente, mesmo porque nas demais páginas de seu artigo dedica-se a esmiuçar seus comentários, citando excertos do romance que comprovam suas impressões.

³⁴ SILVA, *Dicionário Bibliográfico Português, Op. Cit.*

³⁵ *Marmota Fluminense – jornal de modas e variedades*. Rio de Janeiro: Typografia de Paula Brito, 4 de junho de 1854.

³⁶ “Reparos Sobre um Romance”. In: *O Guanabara*. Rio de Janeiro, tomo III, 1855, pp. 153-156.

³⁷ *Idem*.

As Fatalidades de Dois Jovens, comumente referido como o último romance publicado por Teixeira e Sousa, cuja data da primeira edição seria 1856³⁸, apresenta-se como um caso muito interessante. O romance foi publicado em folhetins da *Marmota Fluminense* de 10 de janeiro de 1856 a 20 de fevereiro de 1857. Quando do início da publicação, o mencionado periódico veiculou a seguinte nota:

As Fatalidades de Dous Jovens.

Sendo constantemente procurado este romance popular do Snr. Teixeira e Sousa, cuja primeira edição esgotou-se em um momento; para satisfazermos os desejos de uma grande parte do publico, que com avidéz o procura, vamos dal-o tres vezes por semana, nas columnas da – Marmota – sem que por isso seja elevado o preço d’assignatura [...].³⁹

A observação da *Marmota Fluminense* indica que mais um dos romances de Teixeira e Sousa teve sua primeira edição esgotada, o que justifica que seja impresso em folhetins. Se atentamos um pouco mais para essa observação, veremos que ela nos coloca uma certa inquietação: se a primeira edição fosse mesmo de 1856, como mencionam grande parte dos críticos, ela teria se esgotado em menos de dez dias, algo bastante improvável para a época. Uma breve observação de Innocêncio Silva no seu *Diccionario Bibliografico Português* pode fornecer pistas a esse respeito: “Creio que houve uma edição anterior [à de 1856], em dous volumes, feita em 1846: porém não a pude ver.” Assim, a primeira edição teria se esgotado num prazo de menos de 10 anos, levando à publicação do texto em folhetins e a uma segunda edição em volume datada de 1856 que, segundo Innocêncio Silva, foi publicada no Rio de Janeiro pela Tipografia Dois de Dezembro, de Paula Brito⁴⁰ e que é anunciada em 1857:

As Fatalidades de Dous Jovens.

Romance pelo Snr. A. G. Teixeira e Sousa.

Acha-se publicado, e vende-se na praça da Constituição n. 64.

Tendo-se esgotado as tres primeiras edições, a Marmota deu o em folhetins, e delles fez uma commoda publicação, em 3 volumes, que se vendem por 3\$rs., em brochura.⁴¹

O número de edições do romance citado no anúncio acima contrasta com a informação fornecida pelo mesmo periódico quando do início da publicação dos folhetins e possivelmente está errada ou faz parte do intuito propagandístico do texto. Sacramento Blake menciona uma edição da

³⁸ Essa informação é fornecida, por exemplo, pelos dicionários de Innocêncio Silva e Sacramento Blake, pelo texto de Carlos Alberto Iannone acerca do autor e pelas Histórias Literárias de Antonio Candido, Alfredo Bosi e Antônio Soares Amora.

³⁹ *Marmota Fluminense – jornal de modas e variedades*. Rio de Janeiro: Tipografia de Paula Brito, 10 de janeiro de 1856.

⁴⁰ SILVA, *Diccionario Bibliografico Português, Op. Cit.*

⁴¹ *Marmota Fluminense – jornal de modas e variedades*. Rio de Janeiro: Tipografia de Paula Brito, 17 de março de 1857.

obra datada de 1874⁴², que podemos considerar como sendo, no mínimo, a terceira edição. A Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro possui uma edição datada de 1895⁴³, a qual pode ser tomada como a quarta edição do romance no século XIX.

Podemos, com base nesses dados, considerar que Teixeira e Sousa era um escritor bastante apreciado pelo público brasileiro oitocentista. De um total de seis romances, dois deles (*As Tardes de um Pintor ou As Intrigas de um Jesuíta* e *As Fatalidades de Dois Jovens*) foram publicados primeiramente em volume e, algum tempo depois, em folhetim devido ao fato de a primeira edição estar esgotada e haver muita procura por parte dos leitores. *Gonzaga ou A Conjuração de Tiradentes* também foi publicado primeiramente em volume e, algum tempo depois, em folhetins, mas não há indicação de que a primeira edição tenha se esgotado.

Seus romances publicados primeiramente em folhetim e depois em volume também fornecem indícios de grande aceitação por parte do público. *O Filho do Pescador* foi publicado duas vezes em folhetim em periódicos diferentes e teve três edições em volume nos Oitocentos. *Maria ou A Menina Roubada* foi publicado duas vezes em folhetim pelo mesmo periódico num intervalo de aproximadamente 7 anos; da segunda edição em folhetim o jornal confeccionou uma produção em volume, a qual foi denominada como segunda edição. *A Providência* foi publicado em folhetim por dois jornais no mesmo ano, sob formas diferentes, e teve a edição em volume que começou a ser vendida logo após o término do folhetim do primeiro periódico.

Esses dados são forte indício de boa aceitação do autor por parte do público a qual pode, de certa forma, ser atestada pelo fato de que, em 1858, *A Marmota* publicou, a pedido de um leitor, um soneto dedicado a Teixeira e Sousa:

Soneto

O. D. C. Ao ILLM. SNR.

Antonio Gonsalves Teixeira e Sousa.

Qual Apollo expandindo flava côr,
No horisonte, de seu plaustro doutrado;
Qual Lucina com seu manto prateado,
Diffunde em nossas almas horas d'amor.

Assim tu, oh genio arrebatador!
M'enlevas quando tuas obras leio;
Deixando-me com o peito sempre cheio
De suavidade e d'uma amena dôr!

Bem se vê, pois, nellas o teu talento;
Que ao de Camões, Cicero e Platão...
Nenhuma inveja tenho um só momento!

Assim, *Teixeira e Sousa*, sem adulação,

⁴² Sacramento Blake refere-se a essa edição como sendo a segunda, mas, pelas evidências mencionadas, podemos dizer que se trata de uma terceira edição. (BLAKE, *Diccionario Bibliographico Brasileiro*, Op. Cit.).

⁴³ A página de rosto dessa edição contém as seguintes informações: *As Fatalidades de dous jovens – recordações dos tempos coloniaes*. Rio de Janeiro. Livraria J. R. Santos Editor (Successor de Cruz Coutinho). Rua de S. José 76. 1895.

Recebe este bem triste fragmento
D'um soneto, em signal de afeição.
Rio, 12 de outubro de 1857.
A. da S. Campos Fluminense⁴⁴.

Esses dados levam-nos a pensar em algumas questões relativas à canonização e aos juízos críticos acerca dos escritores: que fatores levam à desvalorização de um autor que foi tão apreciado em sua época? É válido desqualificar a produção de um escritor analisando-a segundo critérios anacrônicos e comparando-a com a obra de escritores posteriores? O estudo da recepção dos romances de Teixeira e Sousa, assim como a investigação da trajetória do autor e de suas concepções estéticas, podem oferecer respostas interessantes para essas questões e fornecer dados significativos para o estudo do início da produção de romances no Brasil⁴⁵.

Referências Bibliográficas.

ABREU, Márcia Azevedo de. *Os Caminhos dos Livros*. Campinas/SP: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo: FAPESP, 2003.

AMORA, Antônio Soares. *O Romantismo*. In: *A Literatura Brasileira*, Vol. II. São Paulo: Cultrix, 1973.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1981.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000. Vol. II.

CARVALHO, Ronald. *Pequena História da Literatura Brasileira*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1984.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. “Teixeira e Sousa: “O Filho do Pescador” e “As Fatalidades de Dous Jovens””. In: SOUSA, Antônio Gonçalves Teixeira e. *O Filho do Pescador*. São Paulo: Melhoramentos, 1977.

IANNONE, Carlos Alberto. “A Vida de Teixeira e Sousa”. In: SOUSA, Antônio Gonçalves Teixeira e. *As Tardes de um Pintor ou As Intrigas de um Jesuíta*. São Paulo: Editora Três, 1973.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

PINHEIRO, Cônego Fernandes. *Curso de Literatura Nacional*. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL, 1978.

ROMERO, Silvio. *História da Literatura Brasileira*. Tomo Terceiro – Transição e Romantismo. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.

⁴⁴ *A Marmota*. Rio de Janeiro: Tipografia de Paula Brito, 5 de janeiro de 1858.

⁴⁵ Essas questões serão abordadas mais detidamente em minha Tese de Doutorado.

SOUSA, Antônio Gonçalves Teixeira e. *O Filho do Pescador*. São Paulo: Melhoramentos, 1977.

_____. *Tardes de um Pintor ou As Intrigas de um Jesuíta*. São Paulo: Editora Três, 1973.

SILVA, Innocencio Francisco da. *Dicionário Bibliográfico Português*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858-1923.

SILVA, Joaquim Norberto de Sousa e. “Noticia sobre Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa”. In: *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier Editor, 1876, tomo XXXIX.

STEGAGNO-PICCHIO, Luciana. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

VERÍSSIMO, José. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.

Periódicos Oitocentistas Consultados:

O Brasil. Rio de Janeiro: Tipografia de Paula Brito, 1842-1844.

Correio Mercantil. Rio de Janeiro, 1853-1854.

Dezesseis de Julho – órgão conservador. Rio de Janeiro, 1870.

O Guanabara. Rio de Janeiro, tomo III, 1855.

Marmota Fluminense e/ou A Marmota. Rio de Janeiro: Tipografia de Paula Brito, 1852-1861.

Minerva Brasiliense. Rio de Janeiro, 1844.